

RECONHECENDO A INEVITÁVEL PRESENÇA DO DISCURSO OCULTO NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES

Como a mosca ou o pássaro que esbarra contra a vidraça da janela fechada, somos apanhados pela armadilha da aparência e da transparência; esgotamo-nos na exaustão de não sairmos do mesmo sítio. (AUGUÉ. 2003, p. 150)

O modo como a sociedade actual lida com o seu património cultural corresponde aos conflitos esquizofrénicos que sustentam as relações de poder estabelecidas e os dispositivos requintados que foram sendo refinados para a manutenção das regalias dos mais poderosos e para um crescente adormecimento da consciência crítica, seja perante o globalizado seja face ao detalhe.

O ritmo desmesurado que o omnipresente ape-lo aos consumo naturaliza nas nossas vidas, e a postura concorrencial a que somos individualmente impelidos, impede o usufruto da contemplação e da pausa qualificadora do estudo que a história exige, promovendo uma desatenção crescente pela cultura e pela tradição que nos constrói. Movimento esse que provoca o desinteresse pela complexidade e pelas conflitualidades, em particular da tensão agonística entre os interesses e os modos de vida dos poderosos e os anseios, resistência e submissão dos subordinados.

Neste sentido, olhar para o património cultural, neste tempo de capitalismo tardio, onde a ganância afoega a complexa dimensão da cultura, reduzindo-a a uma indústria ao serviço dos interesses hegemónicos ditados pelo mundo financeiro, revela-se como um esforço positivo, singular e de resistência. A investigação a que o livro *As Festas Populares e o Ensino de Arte*, se reporta inscreve-se nesse esforço.

Este vento intenso nas encruzilhadas do presente edifica um espaço de culto para a cultura que corresponde aos valores hegemónicos estabelecidos pelas relações de poder e arreda para o esquecimento ou para a periferia o que ainda resta das representações dos socialmente desfavorecidos, mergulhados por sua vez num caldo de cultura alienante e vulgarizado que é sabiamente fornecido ao povo pelos media e por todos os dispositivos engendrados pelo poder, onde também se inclui a escola.

Nesse contexto, a escolarização, a musealização, a estetização, a espectacularização da cultura e a folclorização do património correspondem a um esforço claramente intencional de congelar e esconder o sentido profundo que as manifestações populares detém, e que correspondem a representações fortes dos anseios, das revoltas, dos discursos ocultos dos seus protagonistas.

Todos os grupos subordinados criam, a partir da sua experiência de sofrimento, um “discurso oculto” que representa uma crítica do poder expressa nas costas dos dominadores. Os poderosos, por seu lado, também elaboram um discurso oculto que enuncia as práticas e as exigências do discurso oculto que não podem ser abertas nem confessadas. (SCOTT.1992, p. 19)

Não será inutilidade relembrar passados mais ou menos recentes onde os subordinados e súbditos, evocando escravos, rendeiros ou camponeses pobres, assalariados ou outros, não tinham possibilidades, sem se colocarem em risco, de assumir em público seus desagradados, revoltas e intenções sociais, reservando essa voz reprimida para espaços de intimidade reservada. Contenção de discurso que em festas e carnavais, onde a permissão excepcional dada ao momento, se via libertada, na sombra do anonimato da multidão e da máscara, de onde resultavam manifestações culturais pujantes onde era assumida a voz, surda no quotidiano de sofrimentos, e ostentada o profundo sentir de dimensão comunitária.

O património cultural da humanidade, correspondendo a repertórios históricos próprios, é formado por tantos exemplos desta exaltação festiva da voz das comunidades, tornada pública em momentos de festa, de tradição pagã ou transferidas para cultos religiosos, que não podem ser esquecidas ou adulteradas por tratamentos e interpretações equivocadas, que isolam o sentido profundo que comportavam, e se contentam na ostentação das aparências, na formalidade dos gestos e vestuários.

Assistir num desfile à passagem de centenas de trajes ricos de camponesas do Minho, ostentando filigranas de ouro, nos festejos da Nossa Senhora da Agonia em Viana do Castelo (Portugal), pode resultar numa fruição dos jogos de cores, na riqueza dos cortes, na elegância do andar, na antiguidade dos tecidos, na desactualização das vestes, mas não deve deixar de tornar evidente o que significava para uma pobre camponesa, quando lhe era permitido vestir trajes senhoriais, ostentar uma beleza que faria corar a intimidade das filhas dos ricos proprietários e senhores. Como eram significativas estas demonstrações de igualdade, como era gritado nas ruas, em plena festa, perante a comunidade, exaltando-se o discurso oculto guardado durante um ano de submissão e de forçada humildade.

Essa mesma dimensão de significado, é evidente nos rituais de inversão, como é o caso no Carnaval vivenciado nas ruas por todo o Brasil, herdeiro da história medieval europeia, esse festejo do 'mundo ao contrário' onde tudo é permitido dizer a coberto da festa e do disfarce da multidão, ou pela máscara.

O que quer que representasse no passado, a ideia de conteúdo é hoje principalmente um incômodo, um inconveniente, um convencionalismo sutil ou nem tanto sutil. (SONTAG. 1996, p. 13)

A festa tem uma potência de libertação da voz oculta pelo medo e pela submissão, que tem sido afastada

dos grandes festejos, transformados hoje em espectáculos públicos de impacto globalizado, onde o folclorismo serve aos interesses dos produtores e os intuitos a quem a voz crua do povo, expressão real de suas vontades e da insubordinação, constitui uma agressão. Mas a escola, nos limites das possibilidades que encerra pode ser um espaço privilegiado de valorização do profundo sentido popular incorporado nas manifestações populares que constituem o património cultural da humanidade, onde têm de estar inscrita a presença da voz oculta, que se liberta e representa a dimensão dos conflitos sociais que constituem as nossas vidas e a nossa história.

A minha independência tem algemas.

Manoel de Barros

Prof. Dr. José Carlos de Paiva

Diretor da Faculdade de Belas Artes da
Universidade do Porto, Portugal